

## RECADO DE PARIS

PARIS, FEVEREIRO DE 1950 — Muito cedo ainda, quase uma criança, Corine Luchaire brilhou no cinema. Depois veio a guerra e a invasão, e seu pai comia nos banquetes dos vencedores. Os mais poderosos dentre eles — os Ciano, os Otto Abetz — detinham os olhos sobre essa francesinha frágil e loura, de sorriso sutil e olhos de sonho. A França se entregara. E Corine fazia o mesmo...

Mais tarde, depois que a justiça da Resistência executou seu pai, os que a processaram não descobriram em sua história nenhuma traição a um patriota, nenhuma culpa ativa para lhe lançar em face. Ela passou dos salões de luxo para o fundo de uma cadeia. Não lhe deram nenhuma pena de prisão, mas a marcaram com o ferrete da indignidade nacional.

Saiu magra, pálida. Tinha medo de andar pelas ruas — a cada momento, conhecida pela sua beleza, poderia ouvir um insulto dos que tinham sofrido torturas horríveis ou perderam seus entes queridos na lama podre de um campo de concentração enquanto ela tomava o "champagne" da inconsciência. Vi-a assim, uma noite, em uma "cave" de Saint Germain; encontrei-a mais tarde em um bar dos Champs Elysées, menos magra; tive a ilusão de que conseguia vencer a tuberculose que a riía desde a primavera. Disse-me numa vaga gentileza, que gostaria de conhecer o Brasil, ir viver "la bas".

Foi para a Itália. Pensei que ainda andasse por lá, e outro dia li em um jornal que ia começar a trabalhar em um filme. A notícia dava o nome do diretor, a história, os outros artistas. Mas dois ou três dias depois uma pequenina nota nos jornais anunciava a sua morte em um hospital de Paris. Não sei quantas pessoas foram ao seu entérro pobre.

\* \* \*

A moça brasileira ficou impossível quando viu Jean Marais entrar no Royal de Saint Germain. Mas seria ele mesmo? Tinha a cara um pouco engrouvinhada e vermelha, como se tivesse bebido muito ou dormido pouco. Mas o "garçon" confirmou. Passou junto a nós com dois amigos, alto, louro, vestido de marrom, os ombros poderosos. Ficou numa mesa perto. Mas foi à toa que a moça brasileira espiou, mudou de cadeira, ensaiou sorrisos diretos ou através do espelho — ele nem sequer a viu.

"Pensei que ele fôsse mais bonito" — disse a moça. Ponderei que afinal o rapaz é mesmo bonito. "É, mas..." E Jean Marais perdeu uma fã.

14.2.50

R. B.